

Da Relação de Objeto à Angustia : continuidade ou ruptura?

*Agilberto Calaça Neves*¹

Esse questionamento provém da minha participação simultânea em dois cartéis – explicitados no título do trabalho – que se me afiguram momentos capitais do trilhamento psicanalítico de Lacan. Não se trata meramente de introduzir uma discussão evolucionista senão epistemológica do saber analítico. Relembro, a propósito, que o próprio Lacan, no Seminário Relação de objeto, em algum momento falou da “evolução histórica da psicanálise”, no que dizia respeito à sua teoria e à sua prática. De toda forma, parece que essa questão não nos é absolutamente extemporânea, não apenas porque a psicanálise trouxe novos aportes sobre Saber, Conhecimento, Ciência, mas principalmente no que tange ao trabalho analítico – ou, deveria dizer, ato analítico? – já que se pode inferir que tanto na teoria quanto na prática há uma disjunção – para dizer o mínimo – entre um seminário e outro.

No seminário 4, Lacan faz uma crítica da relação de objeto que “dá prevalência, na teoria analítica, à relação de objeto como primária, fundando o progresso analítico numa retificação da relação entre sujeito e o objeto”.(1). Esse modelo objetual, seguido, pelos pós-freudianos, em especial, os mentores da *egopsychology*, fundava uma prática analítica baseada no imaginário, na relação dual, sem levar em conta os ensinamentos de Freud, quando marcava que, em psicanálise, tratava-se sempre do objeto perdido, da sua falta, como dinamicamente criadora, que o objeto sempre é reencontrado (*wiederfindung*), que nunca é o objeto original, por isso mesmo insatisfatório, e que o objeto genital, harmonioso, não é mais que um objeto idealizado.

É do objeto perdido e das suas variantes que Lacan dará destaque, elaborando toda (ou não-toda?) uma dialética sobre a frustração, a privação e a castração, enfatizando a dominação do simbólico sobre o imaginário e o real, a ponto do real ser quase excluído do campo psicanalítico.

É verdade que a tríade imaginário, simbólico, real, também já está presente neste seminário, o que podemos resumir no aforismo “...a criança, como real assume para a mãe a função simbólica de sua necessidade imaginária” (2). Mas, aqui o real não é absolutamente operatório.

Na relação de objeto, Lacan, seguindo Freud de perto, nos apresenta um mundo significantizado, ou seja, tudo é elevado à dignidade do significante, inclusive o corpo só pode ser abordado mediante o significante. E, quando digo significante, digo significante fálico. Aqui, estamos no campo dos objetos especularizáveis; da mitologia edípica; da castração como um castigo operado por um O; do desejo e da lei; do amor como um dom simbólico, ou seja, como o objeto de satisfação se transforma em objeto de dom; do objeto de desejo, objetos fascinantes, agalmáticos; do amor como via privilegiada para aceder ao objeto de desejo (a via do amor dá acesso ao objeto simbólico, o falo, como símbolo do desejo da mãe, ao desejo como desejo do O). Isso implicava na prática

¹ Participante da Escola Letra Freudiana

responder à pergunta “o que isso quer dizer?” Ou seja, o sintoma, o sonho, o lapso tem um sentido a ser decifrado.

Por outro lado, podemos dizer que há uma reversão total desses postulados a partir do Seminário A Angústia. Em primeiro lugar, Lacan, através de idas e vindas, com um certo tateamento, ao longo desse seminário, apresenta um objeto que, ao final de contas, vai mostrar-se irreduzível ao significante, um objeto heterogêneo, que escapa ao campo semântico, inomeável; portanto, podemos dizer, um objeto que ele designa de forma algébrica com o a diminutivo. Podemos perguntar-nos a que respondeu a necessidade dessa criação. Lacan, como bom hegeliano, sabia que algo escapava ao totalitarismo significante, que no próprio totalitarismo engendra-se a sua antinomia, o não-todo, e que isso vinha ao encontro tanto da clínica, das repetições obsessivas, por exemplo, quanto da teoria, do mais além do princípio do prazer. A clínica do real impunha-se. O desejo como resto, produto da necessidade e da demanda, era um resto significantizável, aberto à dialética, já não dava conta da libido. Neste Seminário, a libido aparecerá como algo muito diferente de um resto significante, aparecerá como um resto órgão que objetiva a dialética. É o pedaço de corpo, é a “libra de carne”. Não é um resto desejo, mas um resto gozo. O gozo como função impossível de negativizar. A angústia parte de um termo também obscuro e mítico, que não é o desejo da mãe, senão o gozo. A angústia diferente do desejo é o que não engana, é o que não se deixa significantizar, é, pois, o real. Este resto real é o gozo, na medida em que não se deixa capturar pelo significante, o gozo irreduzível ao princípio do prazer.

O objeto *a* não sendo significantizável tem uma outra dimensão, um outro estatuto: “...estatuto do objeto anterior ao desejo, ao objeto de desejo e anterior à lei, a sua simbolização fálica, anterior a constituição paterna.” (3)

São com essas novas coordenadas que começa o reviramento dos postulados freudianos clássicos, como também dos primeiros ensinamentos de Lacan. Do lado de Freud, o questionamento da castração (e do mito edípico) como postulado princeps da psicanálise. Do lado de Lacan, a degradação do desejo e do significante, como também da metáfora paterna e do fracasso do nome do Pai. Passa-se aqui à subordinação do simbólico pelo real. A angústia de castração “... já não está referida à ameaça do O, a de um agente que é o O paterno, materno, senão ao fato simbólico, anatômico, relativo da detumescência do órgão na copulação...” “... diferente do desejo “a” não está determinado em nenhum nível pela proibição, senão pela pura e simples separação; há um questionamento da unicidade do nome do Pai; a via da angústia conduz ao objeto real, aponta a conduzir ao objeto da satisfação, uma satisfação que não é da necessidade, senão da pulsão, uma satisfação que é gozo”. (4). Em Freud, a angústia se liga à perda do objeto; em Lacan, esta surge, quando a falta falta, quer dizer quando há objeto. A consequência clínica está na mudança da pergunta: agora, não mais “o que isso quer dizer?”, mas “o que isso satisfaz?” A primeira interpretação visava ao significante, a segunda incide sobre a causa do desejo, o objeto *a* como a causa do desejo.

Há muitas outras questões que poderíamos enumerá-las para mostrar a virada teórica de Lacan que o levará, seguindo essa via até o Sinthoma e à estrutura borromeana, mas não esgotaríamos esse veio riquíssimo, inaugurado por esse Seminário. Continuidade ou ruptura do discurso lacaniano?